

O discurso da longevidade potencializado no corpo feminino através da mídia impressa

The speech of longevity leveraged on female body through the media press

Patricia Haertel Giusti
Paula Corrêa Henning

RESUMO

Velha é a vovozinha!, Corrida saudável – mulheres precisam de cuidados específicos, Coração de mulher. Essas são algumas das enunciações presentes na capa dos cadernos de Saúde *Viva Bem* e *Vida* dos jornais *Diário Popular* e *Zero Hora*, respectivamente, que foram utilizados como *corpus* discursivo para problematizar como as mulheres com mais de 60 anos são interpeladas por discursos verdadeiros em prol de um envelhecer com qualidade e pelo maior tempo possível. Estabelecemos conexões com algumas ferramentas analíticas presentes nas obras foucaultianas, como as relações de poder e saber, poder disciplinar e biopoder para mostrar a potência do discurso da longevidade, constituído através de práticas instituídas no corpo das mulheres que estão na terceira idade.

Palavras-chave: velhice; mulher; mídia impressa; estudos foucaultianos.

ABSTRACT

Old is your grandmother!, Healthy Race - women need specific care, Heart of the Woman. These are some of the enunciations present on the covers of the sections about health named "Viva Bem" and "Vida" from the newspapers *Diário Popular* and *Zero Hora* respectively, which were used as discursive corpus to problematize how women over 60 years old are interpellated by true speeches in favor of a quality aging and for the most time possible. Connections were established with some analytical tools present in Foucault's works, as the relations of power and knowing, disciplinary power and biopower to show the potency of the longevity speech constituted through practices instituted in the body of women who are in third age.

Keywords: oldness; woman; media press; Foucault's studies.

Introdução

A velhice, nos dias de hoje, seja das mulheres ou dos homens, tem sido foco de muitas reflexões e envolvimento por parte, especialmente, dos profissionais que se dedicam a estudar as situações que conseguem e conseguirão manter os indivíduos vivos por mais tempo e com qualidade. A expectativa de viver mais tem feito com que as pessoas conheçam e invistam nos cuidados com sua saúde. Pesquisas das mais variadas áreas apontam como devemos nos alimentar, dormir, trabalhar, caminhar,

cuidar dos filhos, enfim, de como devemos nos comportar diante desse universo de possibilidades traçadas para que todos alcancem a longevidade.

É olhando para esse cenário, onde as pessoas com mais de 60 anos estão modificando seus hábitos e inserindo determinadas práticas em seu cotidiano, que escrevemos este artigo. O propósito está em mostrar como essas interferências no comportamento dos mais velhos vêm sendo desenvolvidas, ao longo do tempo, e o quanto, especialmente as mulheres, por uma constituição já mais pautada no cuidado com a saúde, estão imersas em realizar práticas que possam garantir a maior longevidade possível.

Para dar conta das provocações que apresentamos neste texto, utilizamos algumas enunciações, presentes nas capas dos cadernos de saúde *Vida e Viva Bem*, dos jornais Zero Hora e Diário Popular, respectivamente, publicadas no período de 2004 a 2010, as quais foram selecionadas a partir da reunião de reportagens que traziam à tona as reflexões sobre o processo de envelhecimento no corpo da mulher. As análises produzidas aconteceram a partir de uma conversa com o referencial foucaultiano, especialmente na tentativa de atrelar e quem sabe provocar o nosso pensamento sobre as estratégias que a mídia impressa nos mostra no sentido de interpelar as mulheres com mais de 60 anos a realizarem determinadas ações.

Pensar nas produções discursivas midiáticas nos provoca a problematizar no campo Educacional. A mídia educa controlando e incidindo diretamente nos corpos e subjetividades dos indivíduos. Olhar para a Educação e para o envelhecimento na atualidade parece-nos potente para auxiliar na ampliação do conceito de Educação, entendendo que ela ultrapassa os muros escolares, compondo nossos modos de existir e conviver em diferentes instâncias sociais: na família, nas associações, na igreja e também na mídia.

Antes de apresentar o material analisado e as interlocuções provenientes dele, trazemos algumas discussões conceituais para demarcar de onde estamos partindo para olhar a velhice nos dias de hoje e, também, alguns entendimentos importantes sobre poder, verdade e saber presentes na obra de Michel Foucault. O adensamento teórico, especialmente nas questões relacionadas ao poder e suas relações, é fundamental para compreender a visibilidade que tem sido dada às populações que estamos aqui estudando: sujeitos-velho mulheres.

A velhice nas tramas do poder

Clarice Peixoto (2006) contextualiza os diversos termos e denominações dadas à velhice nos dias de hoje. Ela apresenta uma descrição sobre o processo de

envelhecimento a partir de um comparativo entre o que ocorre na França e no Brasil, observando que as discussões emergem pelo crescente aumento da população com mais de 60 anos. As comparações trazem, como ponto inicial em ambos os países, o sujeito-velho na condição de necessitado, aquele que precisa de auxílio especialmente na questão financeira. Associa a condição de velho ao ser improdutivo, aquele não merecedor de sua renda em razão da baixa produtividade e, por esse motivo, são criadas as aposentadorias e pensões. Na França, o termo velho esteve por muito tempo relacionado com a condição de não possuir estatuto social. Com a valorização das aposentadorias, fortaleceu a denominação *idoso*, termo já utilizado em algumas situações, empregando-a também para se referir às pessoas respeitadas. Mais tarde, a proposição de uma política de integração da velhice garantiu um fortalecimento da imagem das pessoas com mais idade introduzindo a denominação de terceira idade. “A velhice muda de natureza: ‘integração’ e ‘autogestão’ constituem as palavras-chave desta nova definição” (*idem*, p. 76 grifos da autora).

O Brasil começa o processo de discussão sobre o envelhecimento mais recentemente, trazendo a denominação “velho” nos documentos oficiais até meados da década de 60 do século XX, quando a inserção do termo *idoso*, pela influência da Europa, passa a representar as pessoas com mais idade a partir de um tratamento mais respeitoso. Em 1988, com a nova Constituição Brasileira, observamos uma intensificação do cuidado com o idoso através, especialmente, do comprometimento da família, do Estado e da sociedade com essa população específica. A descrição terceira idade acompanhou o movimento feito na França, sendo utilizado para aqueles velhos com condições de jovens.

São evidentes a preocupação e o investimento que têm sido feitos no sentido de encontrar termos, táticas e mecanismos de acolhimento para a população de velhos. Percebemos também que, embora as estratégias produzidas para a população com mais de 60 anos aconteçam no sentido de atingir a todos, quando falamos, especialmente, no Brasil, é potente a inserção e a articulação das mulheres nesse processo, nos fazendo pensar que elas estão vivendo, de forma mais intensa, o que a autora define como terceira idade. Parece-nos que as mulheres, no contexto do envelhecimento, estão bastante envolvidas e capturadas pelas ferramentas criadas para gerencia-las e conduzi-las à melhor forma de viver. Observamos uma frequência de orientações, trazidas por especialistas da área da saúde, acompanhadas de uma exposição midiática de situações que demonstram um viver longo e com qualidade por parte de muitas mulheres.

A propagação de exemplos de mulheres que estão vivendo cada dia mais tem sido acompanhada por todos nós nos mais variados espaços que ocupamos. A mídia,

como potente artefato cultural, tem se encarregado de tornar visíveis situações que mostram como os sujeitos-velho mulheres têm feito para alcançarem a longevidade. A presença constante das mulheres com mais de 60 anos em novelas, revistas, jornais e nas redes sociais, explicitando, na maioria das vezes, suas ótimas condições de saúde, tem nos provocado a pensar sobre esse assujeitamento do corpo feminino nos dias de hoje.

Os dados apresentados pelo IBGE mostram que a expectativa de vida, nos últimos tempos, tem aumentado e que as mulheres estão à frente quando pensamos em um discurso de imortalidade. Elas vivem, em média, 7,8 anos mais se comparadas aos homens (IBGE, 2011). Muitas políticas públicas e estudos científicos têm sido produzidos quando falamos de um processo de envelhecimento, principalmente quando tratamos de olhar para as marcas da velhice apresentadas no corpo feminino. Existe uma preocupação permanente de manter o corpo jovem, ativo, produtivo e, para isso, todo o investimento feito em produtos, equipamentos, técnicas cirúrgicas e reparadoras é feito na garantia de minimizar os traços do envelhecimento.

Todos os dias somos interpelados por novas técnicas, novas fórmulas “mágicas” apresentadas a partir de pesquisas e/ou casos de sucesso que nos convencem de que aquele produto ou forma de viver pode fazer a diferença quando pensamos que queremos viver mais e com mais qualidade de vida. Entramos para valer nesse jogo de conhecer essas técnicas e imediatamente praticá-las, utilizá-las. E se um novo produto aparecer, também somos rápidos para trocar o que estávamos consumindo ou fazendo e partir para uma nova orientação. É esse o cenário que vem constituindo o sujeito-velho nos dias de hoje. E quando trazemos a discussão para o gênero feminino, temos ainda mais certeza de que esse movimento tem sido presente na rotina de mulheres com mais idade.

Olhar a constituição do sujeito-velho mulher, a partir de suas relações com o saber e o poder, é o que nos propomos a desenvolver nesse estudo. Tomamos como referencial teórico os estudos desenvolvidos especialmente por Michel Foucault. O material empírico – a partir de cadernos de saúde de dois jornais de ampla circulação no Rio Grande do Sul – foi selecionado a partir da reunião de enunciações que travassem um diálogo com as verdades produzidas sobre a velhice das mulheres, tanto no que está sendo indicado por especialistas, como na apresentação de modelos trazidos pelas próprias mulheres. É a partir dessas reportagens selecionadas que mostramos a articulação entre o saber e o poder na constituição do sujeito-velho mulher.

Tomamos, de imediato, as obras foucaultianas que nos apresentam as discussões sobre o conceito de poder e de verdade e trazemos, em algumas linhas,

esses elementos que permearam a obra do autor. É possível verificar que o interesse de Foucault esteve sobre a compreensão do “como do poder”, e não no entendimento do que é ou era esse poder. O que realmente o inquietava estava entre as regras de direito que delimitavam o poder e os efeitos de verdade que eram produzidos e conduzidos pelo poder (FOUCAULT, 2010b). Em suas palavras, podemos perceber, de forma bastante clara, essa articulação necessária que coloca o poder em funcionamento:

[...] numa sociedade como a nossa – mas afinal de contas, em qualquer sociedade – múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade (*idem*, p. 22).

Essa citação sugere uma provocação sobre as formas como somos submetidos, nos dias de hoje, a desenvolver nossas atividades. O quanto de discursos verdadeiros atravessa nosso cotidiano e instigam nossa forma de agir. Somos incitados a construir no hoje aquilo que desejamos ser no futuro. E, para isso, nos envolvemos em diversas tramas de poder que trazem consigo as regras de direito e os efeitos dos discursos verdadeiros. São inúmeras condições estabelecidas que fazem com que nosso corpo esteja envolvido e atento no intuito de buscar soluções para uma vida prolongada.

Ainda para entender o que Foucault descreve sobre poder e verdade, é necessário adentrar no que o autor determinou de “precauções de método” e conhecer algumas relações e, até mesmo, situações que foram apresentadas (FOUCAULT, 2010b). A primeira permeou o conhecimento da extremidade, ou seja, observar o maior afastamento possível do poder realizado pelo exercício jurídico. O poder das extremidades, capilar, local. A precaução seguinte se deu no sentido de conhecer a exterioridade do poder, no local onde ele é aplicado e produz seus efeitos. Na sequência, sugeriu que observássemos a formação de redes. Um poder circular que passa pelos indivíduos, que, em alguns momentos, o exerce e, em outros, é submetido a ele.

Após, o autor nos apresenta sua quarta precaução de método que deriva da possibilidade de fazer uma análise ascendente do poder. Toma a loucura e a sexualidade infantil para demonstrar que seu interesse está em observar, historicamente, e começando de baixo, como os mecanismos de poder se tornam economicamente lucrativos e ainda utilidades políticas. E, se observarmos essas duas

situações sob a ótica da burguesia, fica explícito que o interesse não está no louco e nem tampouco na sexualidade da criança, mas sim nos mecanismos que controlavam, seguiam, reformavam e, com isso, possibilitaram a inserção dessas condições em um sistema econômico-político geral. Como quinta linha de método, temos a relação do poder com o saber, cuja descrição é a de que, para a execução do poder, é necessário colocar um saber em circulação.

Para resumir essas cinco precauções de método, eu diria isto: em vez de orientar a pesquisa sobre o poder para o âmbito do edifício jurídico da soberania, para o âmbito dos aparelhos de Estado, para o âmbito das ideologias que o acompanham, creio que se deve orientar a análise do poder para o âmbito da dominação (e não da soberania), para o âmbito dos operadores naturais, para o âmbito das formas de sujeição para o âmbito das conexões e utilizações dos sistemas locais dessa sujeição e para o âmbito, enfim, dos dispositivos do saber (*idem*, p.30).

Diante do exposto, e da síntese descrita pelo autor, é preciso ainda compreender essas linhas de método à luz dos acontecimentos históricos que vão dando condições de operação aos mecanismos de poder. Temos a soberania, como principal forma de execução do poder entre os séculos XVI e XVII. Nessa época, era notório um poder exercido pelo soberano sobre as coisas, sobre os corpos e sobre a vida. Observa-se que havia a determinação da morte ou a sequência da vida, uma apropriação de bens e riquezas, um tipo de poder exercido sobre a terra e seus produtos. Ao longo do século XVII e também do XVIII, ocorre o aparecimento de um novo mecanismo de poder que age diretamente sobre o corpo, sobre a vida e que se apresenta de duas formas: o poder disciplinar e o biopoder.

“Agora é sobre a vida e ao longo de todo seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa [...]” (FOUCAULT, 2007, p. 151). A partir dessa citação, observamos uma modificação em torno das tecnologias de poder, que procura minimizar a condição de ação do soberano sobre o súdito e passa a se estabelecer sobre o corpo do indivíduo e, posteriormente, sobre o corpo da população. O poder disciplinar caracteriza-se a partir de uma anátomo-política do corpo humano – na condição de torná-lo útil, dócil, de adestrá-lo e, dentro do possível, inseri-lo em uma economia de poder. O biopoder, por sua vez, está voltado para o corpo-espécie – quando este, na situação de uma massa global, é afetado por mecanismos próprios da vida como o nascimento, as condições de saúde, a longevidade, a morte.

Se pararmos para pensar na forma como vivemos hoje, prontamente conseguimos identificar os efeitos produzidos por essas duas formas de poder. A luta contínua por nos mantermos produtivos, em condições plenas de saúde e úteis no

contexto da sociedade faz com que, diariamente, de forma individual e também coletiva, ocorra uma sujeição do corpo e apareçam diversas estratégias de controle da população.

Quando voltamos ao referencial foucaultiano, verificamos que a articulação entre os dois tipos de poder – disciplinar e biopoder – foi necessária para o desenvolvimento do capitalismo. Isso ocorre a partir da potencialização das aptidões e forças de cada indivíduo e, ainda, da articulação dos fenômenos da população aos processos econômicos. É uma gestão dos corpos atrelada a uma administração calculada da vida das pessoas. Seja por meio de instituições como a escola, a família, a empresa ou, até mesmo, por mecanismos que produzam um efeito mais geral, nas populações, o objetivo é manter os corpos alinhados, conhecedores de técnicas que possam suscitar o desejo de sua realização e, além disso, torná-los modelos para que outros também sejam seduzidos e, com isso, capturados pelas estratégias existentes.

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (*idem*, p.155).

A citação acima nos remete a uma série de transformações ocorridas especialmente pela articulação entre os saberes produzidos na área médica e, posteriormente, em áreas da saúde e os mecanismos de poder. Essa articulação se faz presente desde o nascimento, ou antes dele, permeando nosso cotidiano em todas as etapas de nossa vida. Temos percebido, uma inserção acentuada de cuidados sobre determinadas populações que, de uma forma ou de outra, possam estar mais fragilizadas. É o caso dos velhos e também das mulheres. Populações em evidência que há bastante tempo vêm modificando a atuação dos profissionais da saúde, exigindo desses novos conhecimentos e fazendo com que ocorra uma disseminação de orientações para que essas pessoas estejam em um bom estado de saúde.

O quanto o biológico tem sido refletido no político pode ser por nós avaliados a partir de diversas situações e práticas. Na reportagem *Reflexos da corrida*, apresentada no *Caderno Vida*, do Jornal Zero Hora (15/05/2010), observamos o quanto a voz da ciência, oriunda de inúmeros saberes, tem produzido uma espécie de “segurança” para as pessoas, especialmente quando estas possuem uma idade mais avançada e buscam alternativas de cuidados para manterem-se bem. Realizada no sentido de mostrar os benefícios do exercício físico tanto na prevenção de patologias

quanto na reabilitação, a matéria de capa destaca o papel de uma médica de Porto Alegre, que é considerada a “guardiã de um caminho seguro”.

O relato ocorre na perspectiva de mostrar que essa profissional, é responsável por fornecer mapas, conceitos e números que lhes dá condição de acompanhar e tratar, quando necessário, os atletas que frequentam o clube esportivo. “[...] manter o caminho seguro para seus protegidos, como se fosse responsável pela iluminação adequada a uma pista de aeroporto. Seus aviões devem pousar e estacionar sem sustos” (VIDA, Zero Hora, 15/05/2010, p.1). A partir dessa colocação, é possível pensar sobre o que estamos nos propondo desde o início. Possibilitar um olhar atual sobre as estratégias, as técnicas e os serviços que existem para manter nosso corpo funcionando. Observar o quanto nos envolvemos em uma vigilância permanente para que, até mesmo no momento em que poderia ser considerado um lazer, sejamos estimulados a uma determinada atitude ou cuidado com nossa saúde.

Todo o desenrolar dos mecanismos biopolíticos tem sido em prol da vida, buscando alternativas de controle para minimizar situações de risco e também as que levem o indivíduo e as populações a uma condição ruim de saúde. São realizados mecanismos permanentes que atuem para regular e corrigir determinadas ocasiões com objetivo de qualificar e tornar ainda mais útil e produtivo a grande maioria das pessoas. Esses mecanismos vão produzindo determinadas normas, ancoradas em determinações administrativas e médicas e que continuam associadas às leis trazidas pelo aparelho judiciário. Essas normas, bastante presentes em nosso dia a dia, vem constituindo o que Foucault chamou de uma sociedade de normalização (FOUCAULT, 2007, 2010b).

As ciências da saúde, em geral, têm participado de maneira muito intensa nessa sociedade de normalização. O controle sobre os corpos, sobre sua vida e, em alguns casos, até mesmo sobre sua morte, ocorre a partir de definições de regras, modelos e procedimentos que vão constituindo normas a serem seguidas por todos. Essas condutas são aplicadas para disciplinar a pessoa e também como forma de regulamentação para as populações. Aproximando essa reflexão de nossa temática, sujeitos-velho mulheres, podemos lembrar inúmeras situações que rodeiam a vida das mulheres com mais de 60 anos. Elas são desde cedo conduzidas a frequentar especialistas para cuidar de sua saúde e, ainda, a desenvolverem hábitos saudáveis para que, quando atinjam a idade mais avançada, consigam fazer com mais qualidade.

Trazemos alguns fragmentos apresentado em reportagens de capa dos cadernos *Vida* e *Viva Bem* que foram endereçados principalmente para as mulheres, com o objetivo de apresentar-lhes situações e modelos que as fizessem refletir e agir de determinadas formas. A escolha pelos jornais e mais amplamente pela mídia se dá

pela potência de disseminação das informações, alcançando um grande número de pessoas e, com isso, produzindo discursos verdadeiros que se transformam em ações cotidianas. “Temos sempre as verdades que merecemos, em função dos procedimentos de saber [...], dos mecanismos de poder, dos processos de subjetivação ou de individuação de que dispomos” (DELEUZE, 1992, p.145).

É pensando na potência de discursos que circulam de forma avassaladora, como os discursos midiáticos, que entendemos a Educação como um espaço que extravasa os ambientes formais de aprendizagem, como a escola. Nos espaços de circulação da cultura, como nos cadernos ora analisados, aprendemos sobre como ser mulher, idoso e saudável em tempos contemporâneos. As mídias educam pelos ditos potentes que vão persuadindo e provocando o sujeito a olhar para si mesmo, a criar estratégias de conduta, regulando seu comportamento em prol de uma vida mais longa e saudável. Nesse sentido, a mídia impressa se constitui como um importante elemento de produção de subjetividades que convida os indivíduos a entrarem em um jogo que os interpela e vai pouco a pouco conduzindo as formas de ser e de agir de um sujeito que pretende alcançar a longevidade com qualidade de vida. A mídia, então, pode ser vista como um processo de adestramento do sujeito. E mais: de maneira permanente e contínua. É este, como diz Hara (2007), o primado da comunicação: minuto a minuto ela molda nossa subjetividade com os ideais de uma determinada população ao nos convidar a participar, ao nos persuadir a jogar.

Relações de poder-saber no corpo da mulher velha

Nesta seção, faremos a análise das reportagens selecionadas a partir de um diálogo travado entre essas e algumas ferramentas já conceituadas neste artigo da obra de Foucault. Começamos citando algumas matérias que trazem como tônica a preocupação com a saúde das mulheres a partir de doenças já instaladas. A capa do caderno *Vida* (28/04/2007) traz a reportagem *O inimigo é o sal*, contextualizando a problemática sobre a hipertensão arterial. Considerada uma doença silenciosa, tem sido alvo de inúmeros alertas para a população pela alta incidência. Entre os destaques do texto, observamos que as crianças e as mulheres têm sido alvo da pressão alta, como é popularmente chamada à hipertensão arterial.

[...] as mulheres já são as principais vítimas de doenças cardiovasculares, ultrapassando os homens em número de mortes. A atenção deve ser redobrada para as sedentárias que têm histórico de hipertensão na família, excesso de peso e dieta pobre em verduras e frutas. – As mulheres na pós menopausa correm mais risco por causa da redução dos níveis de estrogênio que tem um efeito cardioprotetor – alerta Katya Rigatto, coordenadora do

Ambulatório de Hipertensão do Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul (VIDA, Zero Hora, 28/04/2007, p.2).

O conteúdo disponível na reportagem explicita os grupos de risco, as principais causas e consequências da doença, mostrando para as pessoas o que deve ser feito no sentido de não ser acometido por essa moléstia. Dá ênfase a dados como “até 2025, o número de hipertensos deve crescer 60%, atingindo mais de 1,56 bilhão de pessoas no mundo” (*idem*, p.1), para despertar o interesse da população em produzir cuidados diários com seu corpo.

No caderno *Viva Bem* do Diário Popular (23/04/2008), também observamos uma matéria com a mesma temática. Com o título *Cuidados com a pressão alta*, a reportagem direciona sua escrita para o cuidado que se deve ter especialmente quando chegamos à terceira idade. As mulheres, especialmente as de mais idade, têm sido destacadas como pertencentes a grupos de risco e, com isso, convidadas a praticarem condutas adequadas que possam evitar a hipertensão arterial. Tanto nessa reportagem como na anterior, são apresentados os principais cuidados que interferem no aparecimento da doença e no quanto ela pode ser a origem de outros problemas na saúde das pessoas.

Outras reportagens presentes nesses dois jornais também apontam sobre doenças comuns na terceira idade e de maior acometimento pelas mulheres. Em todas elas, o objetivo está em capturar o maior número possível de pessoas para que desenvolvam atitudes de prevenção e combate dessas enfermidades ao longo da vida e também na idade avançada. *Corrida saudável – mulheres precisam de cuidados específicos* (VIVA BEM, Diário Popular, 13/12/2005); *Coração de mulher* (VIDA, Zero Hora, 11/08/2007) e *Estrutura frágil* (VIDA, Zero Hora, 18/10/2008) são algumas capas que retratam o quanto a população de velhos e de mulheres está em evidência.

As três matérias citadas conduzem nosso olhar para situações presentes na vida das mulheres e com maior intensidade quando estas possuem uma idade mais avançada. Direcionam o foco do leitor para mostrar que ainda existe uma fragilidade do gênero feminino em apresentar determinadas situações de risco quando comparadas aos homens. “Estudo realizado em 2003 no Brasil mostrou que 40% das mulheres acima de 50 anos desenvolverão osteoporose em algum momento da vida” (VIDA, Zero Hora, 18/10/2008, p.2). O excerto destacado dá força e potência para o discurso das ciências da saúde que impulsionam seus estudos sobre ações que tentarão evitar a ocorrência de doenças, nesse caso, da osteoporose.

O que também percebemos em comum nessas reportagens, além da descrição de acontecimentos patológicos e suas condições de existência, é a definição de um horizonte para trazer as alternativas e, com isso, responsabilizar a cada um e a todos

sobre o cuidado que se deve ter para manter sua saúde. Estabelecemos aqui algumas relações de poder, que vão produzindo efeitos sobre a vida das pessoas e também das populações.

[...] É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera no campo de possibilidades em que vem inscrever-se o comportamento de sujeitos agentes: ele incita, ele induz, ele desvia, ele facilita ou torna mais difícil, ele amplia ou ele limita, ele torna mais ou menos provável; no limite, ele obriga ou impede absolutamente; mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos agentes, e isso enquanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 2014a, p. 133).

Nas reportagens que apresentamos, observamos a sugestão de diversas ações para serem realizadas sobre o corpo das mulheres. São condutas demonstradas através de exemplos e de orientações que devem ser seguidas diariamente por todas elas. “[...] Antes de apresentar essas alterações, o ideal é eliminar ou reduzir fatores de risco, principalmente tabagismo, que triplica as chances de doença arterial coronariana, e fazer *check-up* cada vez mais cedo” (VIDA, Zero Hora, 11/08/2007, p.2). Esse fragmento reforça a forma como devemos agir para cuidar da saúde do coração das mulheres. Todo o investimento acontece em prol de sensibilizar essa população a buscar, de maneira antecipada, as necessidades para garantia de uma vida melhor e mais prolongada.

Acompanhando as discussões que estamos travando, trazemos autores como Meyer, Ortega e Castiel para provocar ainda mais nosso pensamento em relação à velhice posta no corpo das mulheres. Dagmar Meyer (2003) nos ajuda a pensar no corpo a partir de um construto sócio-cultural e linguístico, que tem sido constituído como produto e efeito das relações de poder. O corpo visto como uma máquina capaz de absorver os mecanismos produzidos para garantia de seu funcionamento e que é atualizado a cada momento na expectativa de mantê-lo permanentemente em atividade e com produtividade. Assim como Meyer, os outros dois autores também debruçam alguns olhares sobre o corpo e a saúde das populações.

É perceptível a ênfase na autonomia nas políticas de promoção da saúde. Em geral, devemos ter claro os pressupostos individualistas que subjazem à concepção de pessoa predominante no Ocidente. Isto se evidencia nas propostas do autocuidado. Existem formas diversificadas de ‘autoconstruir-se saudavelmente’ mediante atividades físicas dirigidas para evitação de riscos (cardiovasculares, por exemplo); para a melhora de aspectos estéticos (voltados para produção de aparências pessoais de beleza e atratividade corporal frequentemente padronizadas); para melhora de funções reabilitatórias (para os muitos obesos ou de meia-idade que buscam se sentir bem mais ‘bem dispostos’) e relativas a desempenho (competições atléticas, amadoras ou não), entre outras (CASTIEL, 2006, p. 141 grifos do autor).

No excerto acima, Castiel destaca a verdade científica já aceita sobre a realização de atividades físicas como objeto de ação capaz de minimizar o risco de aparecimento de algumas patologias e, com isso, potencializar a saúde da população. É apenas uma, dentre tantas estratégias biopolítica, que nos é apresentada. Se voltarmos nas reportagens que já mencionamos, e outras que também estiverem sob nossa análise, verificamos que a orientação para prática da atividade física é frequente. Seja para pessoas que estão doentes ou especialmente no intuito de evitar o adoecimento, esse é, sem dúvida, um dos direcionamentos ofertados na mídia impressa para que possamos modificar nosso comportamento em relação a desenvolver hábitos saudáveis.

A reportagem *Rotina, sem limites*, publicada no suplemento *Vida*, do jornal Zero Hora (10/07/2010), mostra alguns exemplos de como ocorre a vida depois da doença de Parkinson. Ao longo do texto, percebemos o depoimento de uma senhora portadora da enfermidade que utiliza a dança para minimizar os efeitos produzidos no corpo dos parkinsonianos. Percebemos que a entrevistada faz de tudo para colocar a doença em segundo plano e, com isso, viver intensamente cada momento. Ela e outras mulheres com mais de 60 anos, que também aparecem como exemplo nas matérias pesquisadas, nos instigam a olhar a velhice, especialmente a das mulheres, a partir de uma tentativa de eternizar nos corpos a juventude. Corroborando ainda com essa reflexão, Ortega (2005) aponta para o uso contínuo de práticas ascéticas, por meio das quais as pessoas constituem sua identidade e também competência para cuidar de si. Destaca que a velhice foi construída pela ideologia do sujeito autônomo e autossuficiente, dividindo os velhos em bons e maus, sendo estes últimos aqueles não aptos a cuidar de si. O autor também suscita em sua obra o quanto somos regrados e interpelados para o planejamento e desenvolvimento de uma juventude eterna. Do quanto às normas produzidas através dos saberes e instituídas por relações de poder acompanham nossa trajetória de vida e ensinam a forma como devemos nos cuidar (*idem*, 2008).

Serviço de Fisioterapia contorna problemas típicos das mulheres (VIVA BEM, Diário Popular, 02/04/2008). Esse é o título da matéria de capa do caderno *Viva Bem* que foi apresentado com o propósito de sensibilizar mulheres de todas as idades a procurarem o atendimento. Com características voltadas para o tratamento, mas visando a prevenção de outras enfermidades, a reportagem dá ênfase a patologias comuns no gênero feminino, como a incontinência urinária e o câncer de mama. A fisioterapeuta responsável pelo serviço destaca: “É um atendimento muito tranquilo, que visa acima de tudo à qualidade de vida” (*idem*, p.1). Percebemos, no desenrolar do texto, algumas situações que exemplificam o quanto as mulheres que procuram esse

tipo de serviço o buscam para o tratamento e a cura, e encontram, além do que desejam, orientações e dicas para alcançarem condições de saúde mais adequadas.

Um pouco diferente do que foi apresentado na reportagem acima, a matéria de capa do caderno *Vida* de 18/02/2006 traz para discussão o cenário ideal desejado para a velhice nos dias de hoje. O que altera fisiologicamente com o envelhecimento e, principalmente, as formas de retardar esse processo são destacadas por especialistas e, mais uma vez, escritas no sentido de capturar leitores para a adoção das medidas listadas. Alimentação adequada, prática regular de atividade física, controle de peso, uso moderado de álcool, realização de atividades intelectuais e exposição ao sol são algumas das sugestões dadas para modificar o comportamento e os hábitos dos indivíduos com mais idade.

Com a mesma alegria com que se diverte no balanço, Maria Júlia de Oliveira Volkmer, 67 anos, brilha no palco. Atriz desde que se aposentou, hoje ela ainda inventa peças e participa de um grupo de contadores de histórias infantis. As atividades surgiram depois de quase “entrar em parafuso” quando se aposentou, aos 54 anos, como professora de pré-escola.

– O teatro para mim é vida, é meu trabalho. Mexo com a memória e com o corpo. Sou muito espoleta, só tenho medo de não conseguir me movimentar tanto. [...]

A dica de Maria Júlia para chegar com essa energia na vida madura é não esperar. Cuidados com alimentação, hábitos regrados e diversão devem começar desde cedo (VIDA, Zero Hora, 18/02/2006, p.3).

Incentivando as práticas adotadas por Maria Júlia, vemos a palavra de especialistas que reforçam que o corpo e a mente precisam ser trabalhados desde quando se é jovem para garantir reservas que serão importantes na terceira idade. “Para médicos como Emílio Moriguchi, do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS, vale o conceito de que envelhecemos desde o nascimento, já que o tempo está sempre agindo sobre o corpo” (*idem*, p. 4). Referência ou exemplo e um discurso científico forte estão presentes nessas reportagens que acabamos de relatar. Novamente, evidenciamos tramas de poder que nos colocam na condição de participar desse cenário, de seguir rigorosamente aquilo que faz bem para algumas pessoas e que é dito como verdade por profissionais que estudam determinadas situações. Novamente, percebemos o corpo da mulher com mais idade, atrelado a condições adequadas de saúde, instigando ainda mais o quanto essa população está imersa em buscar a imortalidade.

Não é de hoje que o corpo das mulheres ocupa o cenário da mídia. Por influência das artistas de Hollywood, a partir da década de 60, o Brasil potencializou

suas revistas femininas com imagens de belas mulheres que reproduzem serviços e produtos de beleza (SOUZA, 2001). Além da mídia impressa, outros espaços de comunicação também reforçaram o discurso da imortalidade tão presente nos dias de hoje na vida das mulheres. Consideradas como frágeis em algum momento da história, ocuparam diversos lugares na sociedade e foram conduzidas a uma intensificação nos cuidados com sua saúde. Muitas políticas foram desenvolvidas para atacar as problemáticas que rodeavam essa população. O acompanhamento médico iniciado na adolescência, com a visita ao ginecologista em razão da menarca, tem sido antecipado pela administração de vacinas e orientações que já acontecem, por exemplo, a partir dos nove anos de idade.

O cuidado direcionado para as mulheres é estendido ao longo da vida e, como percebemos nas reportagens, reforçado na terceira idade. Na obra foucaultiana, as questões relacionadas ao corpo estão bastante conectadas com as relações de poder e de saber estabelecidas na sociedade. “[...] é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico [...]” (FOUCAULT, 2010a, p. 145). O desenvolvimento de saberes sobre o corpo dos indivíduos, e aqui estamos tratando do corpo das mulheres com mais idade, só foi possível de acontecer pela ação do poder sobre esse corpo. A organização do poder disciplinar que, através de algumas instituições, foram responsáveis por esquadrihar o corpo, discipliná-lo e torná-lo útil para a sociedade. Essa docilidade contribuiu e muito para que, mais tarde, os mecanismos do biopoder entrassem em atividade e já com a população “educada” pudessem disseminar formas e estratégias que atingissem o maior número de pessoas possíveis.

Essa interlocução entre o poder disciplinar e biopoder, e ainda associada a uma produção de saberes, é o que pretendemos mostrar nas reportagens que analisamos ao longo deste texto. Observar cada uma delas na perspectiva de compreender que ali estão atreladas diversas relações de poder e que, dia a dia, outras tantas se estabelecem é o que movimenta a pesquisa. Ler as matérias, as falas dos profissionais e saber que milhares de outras mulheres também fizeram a leitura – e, mais do que isso, seguem rigorosamente o que ali está posto – é ter certeza de que vivemos imersos em relações de poder e de saber que sutilmente vão determinando nossa forma de agir e de se relacionar. “[...] somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la” (*idem*, p. 180)

Chegar à terceira idade com saúde, com disposição, com um corpo belo é a meta da grande maioria das mulheres. A reportagem *Beleza e juventude, do sonho à perfeita realidade*, produzida pelo suplemento Viva Bem, do jornal Diário Popular

(12/03/2008), é um exemplo de texto desenvolvido para mostrar como o corpo e o metabolismo da mulher se modifica ao longo dos anos e o quanto é necessário investir nesse corpo para viver a terceira idade com mais qualidade de vida.

Não é novidade que a mulher moderna é quase uma máquina. Por conta das várias responsabilidades que acumula, a cobrança acirrada é inevitável. Ela é a namorada perfeita, a esposa dedicada, a mãe amorosa, a chefe impecável, a filha prestativa, a amiga compreensiva. E se não bastasse, é também a mulher vaidosa que precisa estar linda e maravilhosa em qualquer situação (VIVA BEM, Diário Popular, 12/03/2008, p.1).

O excerto explicita o que está constituído para as mulheres na atualidade. A responsabilidade que cada uma possui no cuidado com seu corpo para alcançar as características dessa mulher apresentada no caderno de saúde. A especialista que dialoga com o leitor nessa matéria faz um alerta para as mulheres de que, mesmo havendo modificações corporais em razão de situações fisiológicas, como as questões hormonais, típicas das mulheres, elas devem estar atentas para as possibilidades de enfrentar essas alterações. O cuidado com a alimentação, a exposição ao sol em horários adequados e com filtro solar, a prática regular de atividade física são algumas das orientações dadas pela dermatologista, as quais pretendem minimizar os efeitos da idade no corpo das mulheres.

Novamente, percebemos que as orientações de saúde, destacadas pelos especialistas, produzem verdades na vida das mulheres. Essas verdades são, como já mencionamos, trazidas pela fala de um profissional a partir de um discurso científico que é potente nos dias de hoje. As ciências da saúde que conversam entre si foram chamadas há bastante tempo para instituir normas e produzir políticas que fossem seguidas por pessoas e populações. A fala dos profissionais da saúde não pode ser substituída por um discurso feito por pessoas que não sejam da área. Só é aceito como discurso verdadeiro o conhecimento produzido por profissionais que pesquisam e desenvolvem habilidades para cuidar da saúde das pessoas (FOUCAULT, 2012).

As campanhas de saúde direcionadas para as mulheres e também para as pessoas com mais idade, propostas especialmente por órgãos governamentais, são cenários de disseminação do discurso apresentado pelos profissionais da saúde. No Brasil, há um contínuo incremento nas políticas voltadas para a saúde das mulheres. Inserção de novos exames e procedimentos através do sistema de saúde vigente tem feito com que mais mulheres alcancem condições de diagnóstico e de prevenção de determinadas patologias. Essas estratégias que pretendem atingir a toda a população feminina são, do ponto de vista econômico, cultural, político e social, mecanismos biopolíticos presentes nos dias de hoje.

Muitos programas de saúde estão disponíveis e o que vem sendo feito é estimular as mulheres a participarem deles. Para essa necessária propagação e incentivo, a mídia tem sido um lugar privilegiado, que dita os comportamentos adequados e aqueles que devemos evitar. Os cadernos de saúde, por exemplo, são espaços para apresentar as principais políticas de saúde destinada às mulheres. Ali, como já vimos, os discursos científicos ganham força e visibilidade no processo de subjetivação dos corpos do gênero feminino e, também, na forma de governar essa população.

Talvez seja esse o elo de impacto para a proliferação de discursos apresentados na mídia impressa sobre velhice e sobre as mulheres. Uma sequência de reportagens que trazem para reflexão o quanto essas duas populações – mulheres e velhice – estão em evidência nos dias de hoje. O viver por mais tempo faz com que os cuidados com as mulheres que chegam à menopausa e ultrapassam esse período fossem intensificados. O que antes não era um problema passou, de uns tempos para cá, a produzir efeitos e conseqüências que devem ser minimizadas para que a qualidade de vida continue a vigorar como meta. Mulheres com mais de 60 anos tornam-se cada vez mais alvo de pesquisas. Muitas doenças, antes desconhecidas, surgem e imediatamente intervenções são criadas para evitá-las. Vacinas, procedimentos, medicamentos, serviços, tudo em prol de um prolongamento da vida.

Algumas considerações finais

Olhando para a velhice a partir dos materiais analisados, fica evidente a visibilidade que tem sido dada para essa população nos dias de hoje. Observá-la como um objetivo estratégico, como nos convida Foucault (2014), tem sido um processo provocativo. Um jeito de governar que produz verdades que entram em nossa rotina também como inquestionáveis. Quanto mais modelos de sucesso a mídia apresenta, mais desejamos adquirir determinado produto ou serviço, ainda mais se for garantia de um envelhecimento adequado.

Foi querendo enfatizar essa trama de saber e poder que estamos inseridos, e que nos produzem como sujeitos velhos na atualidade, que escrevemos este artigo. O “sexo frágil”, como normalmente é tratado, recebe constante investimentos, está à frente em legislações e políticas que direcionam e garantem sua forma de viver. A mulher é orientada para intensificar os cuidados com a saúde ao longo de toda vida.

As reportagens dão visibilidade a estratégias disciplinares, tornando os corpos obedientes e úteis. Os mecanismos direcionados para a população como um todo aparecem e são fortalecidas pelos discursos dos profissionais da saúde no intuito de

despertar o interesse e fazer com que todos desenvolvam determinados hábitos. São relações de poder e saber que, de acordo com Foucault (2014a), conduzem nosso corpo e governam nossa vida.

Tensionar essas verdades parece necessário em tempos contemporâneos. Não se trata de negar a materialidade da velhice, mas problematizar os discursos que fabricamos a partir de tal materialidade. Viver bem, viver melhor e viver no desejo do prolongamento da vida são máximas que permeiam as reportagens analisadas. Compreender como vamos sendo educados e nos subjetivando parece ser uma provocação profícua para que o campo educacional enxergue os ensinamentos que são acionados na mídia continuamente.

Referências

BELEZA e juventude, do sonho à perfeita realidade. Diário Popular, Pelotas, 12 mar, 2008, *Viva Bem*, p.1-2.

CASTIEL, Luis David. *Precariedades do excesso: informação e comunicação em saúde coletiva*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

CORAÇÃO de mulher. Zero Hora, Porto Alegre, 11 ago, 2007, *Vida*, p.1-8.

CORRIDA saudável – mulheres precisam de cuidados específicos. Diário Popular, Pelotas, 13 dez, 2005, *Viva Bem*, p. 1-2.

CUIDADOS com a pressão alta. Diário Popular, Pelotas, 23 abr, 2008, *Viva Bem*, p.1-2.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1992.

ESTRUTURA frágil. Zero Hora, Porto Alegre, 18 out, 2008, *Vida*, p.1-8.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Microfísica do poder*. 28. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010a.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. *Síntese de Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE; 2001-2010 [acesso em 4 mai 2011]; Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

MEYER, Dagmar. Educação e gênero, teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; GOELLNER, Silvana (org). *Corpo, gênero e sexualidade um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

O INIMIGO é o sal. Zero Hora, Porto Alegre, 28 abr, 2007, *Vida*, p.1-6.

ORTEGA, Francisco. Da ascese a bio-ascese. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. *Velhice ou Terceira Idade?* 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REFLEXOS da corrida. Zero Hora, Porto Alegre, 15 mai, 2010, *Vida*, p.1-8.

ROTINA, sem limites. Zero Hora, Porto Alegre, 10 jul, 2010, *Vida*, p.1-8.

SERVIÇO de Fisioterapia contorna problemas típicos das mulheres. *Diário Popular*, Pelotas, 02 abr, 2008, *Viva Bem*, p.1-3.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de Souza. *Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...* 2001. 167f. Tese (Doutorado em Biologia: Bioquímica) – Departamento de Bioquímica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VELHA é a vovozinha!. Zero Hora, Porto Alegre, 18 fev, 2006, *Vida*, p.1-8.

Recebido em: 02/11/2016.

Aceito em: 24/11/2016.

Patricia Haertel Giusti

Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
Docente da Universidade Católica de Pelotas – UCPel/RS. phgiustia@gmail.com

Paula Corrêa Hennig

Doutora em Educação pela UNISINOS. Docente do Instituto de Educação, do PPG Educação Ambiental e do PPG Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS. paula.c.henning@gmail.com